

A ressurreição de Lázaro

O grande amor de Jesus àquela família de Betânia tornava incompreensível sua aparente indiferença perante a enfermidade de Lázaro. Mas quando Deus tarda em intervir é por razões mais altas e porque certamente nos dará com superabundância.

Ressurreição e a Vida. Quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá. ²⁶ E todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais. Crês isto?" ²⁷ Respondeu ela: "Sim, Senhor, eu creio firmemente que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que devia vir ao mundo". ²⁸ Depois de ter dito isto, ela foi chamar a sua irmã, Maria, dizendo baixinho: "O Mestre está aí e te chama". ²⁹ Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. ³⁰ Jesus estava ainda fora do povoado, no mesmo lugar onde Marta se tinha encontrado com Ele. ³¹ Os judeus que estavam em casa consolando-a, quando a viram levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que fosse ao túmulo para ali chorar. ³² Indo para o lugar onde estava Jesus, quando O viu, caiu de joelhos diante d'Ele e disse-Lhe: "Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido". ³³ Quando Jesus a viu chorar, e também os que estavam com ela, estremeceu interiormente, ficou profundamente comovido, ³⁴ e perguntou: "Onde o colocastes?" Responderam: "Vem ver, Senhor". ³⁵ E Jesus chorou. ³⁶ Então os judeus disseram: "Vede como Ele o amava!" ³⁷ Alguns deles, porém, diziam: "Este, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que Lázaro não morresse?" ³⁸ De novo, Jesus ficou interiormente comovido. Chegou ao túmulo. Era uma caverna, fechada com uma pedra. ³⁹ Disse Jesus: "Tirai a pedra!" Marta, a irmã do morto, interveio: "Senhor, já cheira mal. Está morto há quatro dias". ⁴⁰ Jesus lhe respondeu: "Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?" ⁴¹ Tiraram então a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: "Pai, Eu Te dou graças porque Me ouviste. ⁴² Eu sei que sempre Me escutas. Mas digo isto por causa do povo que Me rodeia, para que creia que Tu Me enviaste". ⁴³ Tendo dito isso, exclamou com voz forte: "Lázaro, vem para fora!" ⁴⁴ O morto saiu, atado de mãos e pés com os lençóis mortuários e o rosto coberto com um pano. Então Jesus lhes disse: "Desatai-o e deixai-o caminhar". ⁴⁵ Então, muitos dos judeus que tinham ido à casa de Maria e viram o que Jesus fizera, creram n'Ele (Jo 11, 1-45).

I - PRESSUPOSTOS

O porquê dos milagres

No conceder a um taumaturgo a faculdade de realizar milagres, explica São Tomás, Deus tem por objetivo “confirmar a verdade por este ensinada”.¹ O motivo principal se encontra na fé, pois a razão humana não tem suficiente altura para acompanhar os horizontes dessa virtude, e por isso muitas vezes é necessário serem as

afirmações de caráter sobrenatural confirmadas pelo poder de Deus. Esses atos que excedem as forças da natureza propiciam uma acrescida facilidade em crer na procedência divina de tudo quanto é transmitido a respeito de Deus.

Ademais, através dos milagres, torna-se patente a presença de Deus no taumaturgo.

Ora, era indispensável ficar claro aos olhos de todos que a doutrina proclamada por Jesus procedia do próprio Deus e, muito mais ainda, proporcionar a cada um boas provas para crerem na união hipostática das duas naturezas, divina e humana, numa só



Deus torna patente sua presença através dos milagres do taumaturgo

Santo Antônio, o milagre da cura do pé amputado, por Tiziano – Scuola del Santo, Pádua (Itália)

1) SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.43, a.1.

Pessoa. Justamente em face dessa luminosa, magna e fundamental impostação se projeta a narração do Evangelho de hoje.

Prova da divindade de Jesus

São João escreveu seus vinte e um capítulos com a preocupação de tornar demonstradas, pelos fatos, tanto a origem divina da doutrina de Jesus quanto a onipotência de sua Pessoa. E conforme nos explica ainda São Tomás, os milagres operados pelo Redentor são prova de sua divindade:

“Em primeiro lugar, por sua espécie. De fato, transcendiam todo o poder criado e não poderiam ser feitos senão por um poder divino. [...] Em segundo lugar, pelo modo como foram feitos. Cristo fazia os milagres por um poder próprio, não orando, como outros fizeram”.²

Além de encontrarmos elevados aspectos sobrenaturais através dos quais melhor conhecemos o Salvador em suas duas naturezas, e, assim, mais podemos amá-Lo, nesta narração de São João se confirma seu estro literário. Ela é bela, atraente e comovedora, constituindo-se como única em seu gênero. Consagra historicamente os preciosos detalhes do mais importante milagre de Jesus, que Lhe conferiu uma grande glória — levando à crença um bom número de judeus —, e, ao mesmo tempo, produziu o máximo grau de ódio nos seus inimigos, a ponto de apressá-los em seus intentos deicidas. Este episódio, tão pervadido de pulcritude divina e humana, será a causa imediata da fúria do Sinédrio e consequente determinação da morte de Jesus.

A pluma do Evangelista percorre o pergaminho, confirmando em cada versículo o agudo senso de observação do escritor, como também tornando patente ter sido ele uma exímia testemunha ocular, digna de fé, de todo o ocorrido. Quem poderia compor ou imaginar os minuciosos pormenores de veracidade transparente, como, por exemplo, as palavras, a emoção e as próprias lágrimas do Filho de Deus feito Homem, que

2) Idem, a.4.

fluem com leveza da escrita do Autor Sagrado? É escrupulosa sua fidelidade na transmissão da realidade que pode ser dividida em três partes distintas: o retorno de Jesus a Betânia, o encontro e a conversa com Marta e Maria, e a ressurreição de Lázaro.

II - ANÁLISE DO EVANGELHO

O retorno de Jesus a Betânia

Naquele tempo, ¹ havia um doente, Lázaro, que era de Betânia, o povoado de Maria e de Marta, sua irmã. ² Maria era aquela que ungira o Senhor com perfume e enxugara os pés com seus cabelos. O irmão dela, Lázaro, é que estava doente. ³ As irmãs mandaram então dizer a Jesus: "Senhor, aquele que amas está doente". ⁴ Ouvindo isto, Jesus disse: "Esta doença não leva à morte; ela serve para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela". ⁵ Jesus era muito amigo de Marta, de sua irmã Maria e de Lázaro. ⁶ Quando ouviu que este estava doente, Jesus ficou ainda dois dias no lugar onde Se encontrava. ⁷ Então, disse aos discípulos: "Vamos de novo à Judeia". ⁸ Os discípulos disseram-Lhe: "Mestre, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-Te, e agora vais outra vez para lá?" ⁹ Jesus respondeu: "O dia não tem doze horas? Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. ¹⁰ Mas se alguém caminha de noite, tropeça, porque lhe falta a luz".



Para tornar bem claro quem era o enfermo em questão, São João o apresenta como sendo o irmão de Marta e Maria. Ressalta a figura desta última, por se tratar de uma pessoa muito conhecida e comentada em toda Israel, devido à sua impressionante conversão e seu belíssimo ato de arrependimento em casa de Simão, o fariseu (cf. Lc 7, 37-50). É interessante notar o acerto do nome Lázaro que significa *ajudado* ou *Deus socorreu*.

Fazia muito que Jesus pregava na região da Pereia, à distância de uma jornada de Betânia. Com enorme solicitude e

carinho por Lázaro, tal qual costumam ser as irmãs quando de boa índole, Marta e Maria enviam um mensageiro para avisá-lo do estado de saúde do irmão.

Transparece na atitude de ambas um profundo espírito de fé na onipotência do Salvador e, ao mesmo tempo, uma nobre e fraternal dedicação. Tanto mais que a mensagem não era só informativa, mas, com enorme polidez, ela continha uma súplica. A fórmula empregada nada tem a ver com a lógica argumentação do centurião romano para obter a cura de seu servo; mais se aproxima ela, em sua essência, da atitude da Virgem Maria nas Bodas de Caná: “Senhor, aquele que amas está doente”. Segundo Santo Agostinho, esta simples frase contém uma profunda verdade de fé: Deus jamais abandona aquele a quem ama. Elas não imploram nem pedem explicitamente a cura, quer pudesse ser ela operada de perto, ou de longe; era-Lhe suficiente conhecer o estado de seu amado para, por um simples desejo seu, tornar efetivo o milagre.

E, de fato, é o que teria acontecido se Jesus não tivesse querido. Se aproveitar do pretexto da morte de seu amigo “para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela”, conforme Ele próprio o afirma.

Grande perplexidade devem ter tido ambas ao receberem a resposta do Senhor, dois dias depois do falecimento de Lázaro: “Esta doença não leva à morte”. Maior aflição ainda deveu-se



Transparece na atitude de Marta e Maria um profundo espírito de fé na onipotência do Salvador e, ao mesmo tempo, uma nobre e fraternal dedicação

Lázaro, Marta e Maria, por Mestre Perea –
Museu da Fundação Lázaro Galdiano, Madri

ao fato de Jesus não Se ter movido para Se encontrar com o amigo nem com suas irmãs.

Essa é bem a provação pela qual passam as almas aflitas que imploram a intervenção de Deus e julgam não serem atendidas, devido à demora ou a uma aparente inércia da parte do Céu. Quão benfazeja é esta passagem para nos convencer a jamais descremos da onipotência da oração perfeita! Quando Deus tarda em intervir é por razões mais altas e porque certamente nos dará com superabundância. E aí está o procedimento de Jesus para com aqueles aos quais ama: “Jesus era muito amigo de Marta, de sua irmã Maria e de Lázaro”. O grande amor de Jesus àquela família tornava ainda mais incompreensível sua como que indiferença, pois, “quando ouviu que este estava doente, Jesus ficou ainda dois dias no lugar onde se encontrava”.

Que grande voo de espírito era necessário para seguir o Divino Mestre diante da incompreensibilidade de suas atitudes! Nenhum dos dois lados chegava a atinar com o alcance da meta política do Salvador. As irmãs deviam estar desmontadas em suas esperanças, acompanhando do lado de fora do sepulcro a lenta, mas progressiva, decomposição do corpo de seu irmão. Os Apóstolos, por sua vez, não podiam entender o porquê da ida de Nosso Senhor à Judeia. Já havia curado tantos necessitados à distância, qual a razão de penetrar numa terra onde era perseguido de morte? E só por causa de um enfermo? “Mestre, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-Te, e agora vais outra vez para lá?”, diziam eles. Não seria melhor operar o milagre à distância?

A perspectiva psicossocial na qual os discípulos procuravam delinear a figura do Messias era essencialmente diferente da realidade que se desenrolava diante dos olhos de todos. Neles se encontrava uma constante do espírito humano, a de querer reduzir as ações de Deus às proporções de nossa mentalidade e até mesmo de nossos desejos, sentimentos e emoções. Ora, os princípios pelos quais Deus Se move sempre são infinitamente superiores aos atinentes às meras criaturas; por esta razão nada melhor do que nos abandonarmos aos desígnios e ao beneplácito de sua vontade, *nunc et semper*.

Segundo nossos critérios, talvez fosse preferível que Jesus expusesse seu plano com total clareza aos Apóstolos para retornarem à Judeia com maior confiança, paz e decisão. Pelo contrário, Jesus lhes responde com uma parábola: durante as doze horas do dia, pode-se caminhar sem tropeço, diz Nosso Senhor, bem ao contrário das outras doze da noite. Tratava-se de uma afirmação óbvia, mas trazendo em suas entrelinhas algum significado mais profundo, ou seja, não havia chegado ainda o momento de sua Paixão, portanto não era de se temer nenhum mal. Assim, de forma didática e suave, ia instruindo os Apóstolos sobre os passos a serem dados, exercitando-os na plena confiança que deveriam dedicar a seu Divino Mestre.

¹¹ Depois acrescentou: "O nosso amigo Lázaro dorme. Mas Eu vou acordá-lo". ¹² Os discípulos disseram: "Senhor, se ele dorme, vai ficar bom". ¹³ Jesus falava da morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que falasse do sono mesmo. ¹⁴ Então Jesus disse abertamente: "Lázaro está morto. ¹⁵ Mas por causa de vós, alegre-Me por não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos para junto dele". ¹⁶ Então Tomé, cujo nome significa Gêmeo, disse aos companheiros: "Vamos nós também para morrermos com Ele".

Porém, ao acrescentar: "O nosso amigo Lázaro dorme. Mas Eu vou acordá-lo", deu aos Apóstolos nova esperança de não ser necessário retornar à Judeia pois, segundo a forte experiência da época, a retomada do sono ao longo de uma enfermidade grave era indício de boa convalescença, e por isso exclamam: "Senhor, se ele dorme, vai ficar bom".

Diante dessa situação era indispensável falar-lhes às claras, revelando-lhes a morte de Lázaro. Só este particular já seria suficiente para melhor crerem nas propostas de Jesus, pois, até aquele instante, ninguém ali sabia do falecimento de Lázaro, que Ele lhes comunica com toda segurança. E, ademais, aproveitava para estimular a confiança dos Apóstolos, manifestando sua alegria pelo fato de eles não terem estado em Betânia durante a enfermidade de Lázaro, pois, nesse caso, Jesus se veria na contingência de curá-lo antes de sua morte, diminuindo a grandeza do milagre da ressurreição que iria operar.

Vê-se pela narração o quanto os próprios Apóstolos estavam sendo formados na fé, passo a passo, através dos milagres, conforme Ele mesmo afirma: “para que creiais”. Jesus iria selar o término de sua vida pública — os últimos momentos das doze horas do dia — com o mais portentoso milagre. Ele a iniciara com a transformação da água no melhor dos vinhos, em Caná, e agora, antes do anoitecer, traria à vida um morto já em franca decomposição. Nessa ocasião, o mais débil — São Tomé — solta o gemido que estava no fundo da alma de todos: “Vamos nós também para morrermos com Ele”. O Espírito Santo ainda não os confirmara na vocação e o instinto de conservação disputava com as virtudes no interior de cada um.

Encontro com Marta e Maria

¹⁷ Quando Jesus chegou, encontrou Lázaro sepultado havia quatro dias. ¹⁸ Betânia ficava a uns três quilômetros de Jerusalém.

¹⁹ Muitos judeus tinham vindo à casa de Marta e Maria para as consolar por causa do irmão. ²⁰ Quando Marta soube que Jesus tinha chegado, foi ao encontro d'Ele. Maria ficou sentada em casa. ²¹ Então Marta disse a Jesus: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. ²² Mas mesmo assim eu sei que o que pedires a Deus, Ele Te concederá”.

Betânia, segundo a própria narração, ficava a menos de 3 km de distância de Jerusalém. Essa propriedade pertencente à família de Lázaro havia sido utilizada por Jesus com frequência, quase todas as vezes que devia ir a Jerusalém, não só por sua proximidade, mas até mesmo pelo conforto. Essa é também a razão de ali se encontrarem muitos judeus. O luto era observado ao longo de sete dias, sendo os três primeiros reservados para o pranto e os quatro outros para receber as visitas de pêsames. O costume rabínico era estrito e rigoroso, comportando até mesmo o jejum (cf. I Sm 31, 13), em meio às lágrimas (cf. Gn 50, 10). Em essência, ao retornar do enterro — que, aliás, devia ser no próprio dia do falecimento —, o ritual ordenava cobrir a cabeça e sentar-se ao chão com os pés descalços. As visitas não pronunciavam nenhuma palavra, pois essa iniciativa cabia apenas aos parentes dos

falecidos. O convívio, nessas circunstâncias, era silencioso.

Assim permaneceu Maria, por não ter ideia da chegada de Jesus à aldeia, enquanto Marta foi ao seu encontro a fim de Lhe noticiar todo o ocorrido. Uma vez mais os fatos nos revelam as características próprias a cada uma das duas irmãs. Marta é mais dada à administração, às relações sociais, etc., e Maria mais ao fervor amoroso. Por tal motivo Marta não avisa

sua irmã, pois seria impossível retê-la junto às visitas enquanto se desenrolasse seu diálogo com o Mestre. Aliás, esse diálogo não poderia ter transcorrido com maior ternura e delicadeza. Não há a menor sombra de queixa da parte de Marta ao afirmar: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”, pelo contrário, trata-se da manifestação de um pesaroso sentimento feito de confiança no poder de Jesus.

Maria, por sua vez, repetirá pouco depois exatamente essa mesma frase, permitindo-nos perceber o teor das conversas havidas entre ambas naqueles últimos dias.

Entretanto, a fé de uma e outra ainda não havia atingido sua plenitude, pois não podiam imaginar o grande milagre que iria ser operado por Jesus. Marta não tem noção do poder absoluto de Jesus, e daí o condicionar as ações do Divino Mestre aos pedidos que Ele faça a Deus: “Mas mesmo assim eu sei que o que pedires a Deus, Ele To concederá”.



Sergio Hoffmann

“Senhor, se tivesses estado aqui,
meu irmão não teria morrido.

Mas mesmo assim eu sei que o que pedires a Deus,
Ele To concederá” (Jo 11, 21-22)

A ressurreição de Lázaro (detalhe) –
Catedral de Oviedo (Espanha)

²³ Respondeu-lhe Jesus: "Teu irmão ressuscitará". ²⁴ Disse Marta: "Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia".

²⁵ Então Jesus disse: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá. ²⁶ E todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais. Crês isto?" ²⁷ Respondeu ela: "Sim, Senhor, eu creio firmemente que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que devia vir ao mundo".

Marta externa sua firme crença na ressurreição final e nessa ocasião espera rever seu irmão em corpo e alma, sem jamais imaginar a possibilidade de reencontrá-lo naquele mesmo dia. Jesus, o Divino Didata, vê chegado o momento de proferir uma das mais belas afirmações do Evangelho. Em outros trechos Ele terá revelado: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14, 6); "Eu sou a Luz do mundo" (Jo 8, 12); "Eu sou o pão da vida" (Jo 6, 35); mas nenhuma atinge a altura teológica desta, em questão: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais". E com uma paternalidade comovedora pergunta a Marta: "Crês isto?", para movê-la a um ato explícito de fé e fazê-la crescer em méritos.

²⁸ Depois de ter dito isto, ela foi chamar a sua irmã, Maria, dizendo baixinho: "O Mestre está aí e te chama". ²⁹ Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. ³⁰ Jesus estava ainda fora do povoado, no mesmo lugar onde Marta se tinha encontrado com Ele. ³¹ Os judeus que estavam em casa consolando-a, quando a viram levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que fosse ao túmulo para ali chorar. ³² Indo para o lugar onde estava Jesus, quando O viu, caiu de joelhos diante d'Ele e disse-Lhe: "Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido". ³³ Quando



A ressurreição de Lázaro (detalhe),
por Lucca di Tommè –
Museus Vaticanos



Jesus ficou profundamente comovido,
e perguntou: "Onde o colocastes?"

Túmulo de Lázaro – Betânia, Terra Santa



Fotos: Gustavo Kralj

Jesus a viu chorar, e também os que estavam com ela, estremeceu interiormente, ficou profundamente comovido, ³⁴ e perguntou: "Onde o colocastes?" Responderam: "Vem ver, Senhor". ³⁵ E Jesus chorou. ³⁶ Então os judeus disseram: "Vede como Ele o amava!" ³⁷ Alguns deles, porém, diziam: "Este, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que Lázaro não morresse?"

O diálogo dera seus melhores frutos, era necessário consolar a outra irmã. Marta a avisa "dizendo baixinho" que o Mestre chegara. Conforme seu temperamento arrojado, saiu a toda pressa para encontrá-Lo. Seu gesto levou todos os visitantes a imitá-la; imaginando que ela iria chorar junto ao túmulo, seguiram-na.

Especialmente digna de nota é a cena de seu encontro com Jesus. Marta era mais controlada em suas emoções, determinada em seus objetivos e, portanto, capaz de expor em palavras todos os seus sentimentos. Maria, bem diferente de sua irmã, tem arroubos de fervor sensível pelo Mestre, seu amor não conhece fronteiras e nem permite ser freado em suas manifestações, sua alma seráfica a leva a lançar-se aos pés de Jesus, e o máximo que consegue exprimir é sua dor, em breves termos. De resto era chorar, soluçar, e com tal substância que todos se viram tocados por sua reação, acompanhando-a no pranto.

Maria era tão carismática em sua fé, no ardor de seus desejos e na comunicação de sua benquerença por Jesus, que Ele próprio “estremeceu interiormente, ficou profundamente comovido”. Bem dizia De Maistre: “*La raison ne peut que parler, c’est l’amour qui chante!*”.³ Nossas palavras podem convencer, mas nosso amor poderá até mesmo tocar o Sagrado Coração de Jesus. Quão humano, sem deixar de ser divino, Ele Se mostra nessa ocasião, sobretudo ao derramar, também Ele, suas preciosíssimas lágrimas, santificando, desta forma, as lágrimas roladas de todos os corações sofredores por amor a Deus ou arrependidos de suas faltas.

Era essa a maior prova de amor externada pelo Salvador, até aquele instante, em relação ao seu amigo Lázaro.

Sempre “pedra de escândalo” (Is 8, 14), os campos se dividem em vista de suas lágrimas. Alguns são tomados de admiração, outros O recriminam por ter deixado morrer Lázaro. Hipocrisia pura, segundo autores clássicos, pois se põem a julgar Jesus antes mesmo de qualquer ação sua. Esse é o efeito de uma antipatia preconcebida, radicada, talvez, no vício da inveja.

Ressurreição de Lázaro

³⁸ De novo, Jesus ficou interiormente comovido. Chegou ao túmulo. Era uma caverna, fechada com uma pedra. ³⁹ Disse Jesus: “Tirai a pedra!” Marta, a irmã do morto, interveio: “Senhor, já cheira mal. Está morto há quatro dias”. ⁴⁰ Jesus lhe respondeu: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” ⁴¹ Tiraram então a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: “Pai, Eu Te dou graças porque Me ouviste. ⁴² Eu sei que sempre Me escutas. Mas digo isto por causa do povo que Me rodeia, para que creia que Tu Me enviaste”. ⁴³ Tendo dito isso, exclamou com voz forte: “Lázaro, vem para fora!” ⁴⁴ O morto saiu, atado de mãos e pés com os lençóis mortuários e o rosto coberto com um pano. Então Jesus lhes disse: “Desatai-o e deixai-o caminhar”.

3) DE MAISTRE, Joseph. *Essai sur le principe générateur des constitutions politiques et des autres institutions humaines*. Paris: L. Ecclésiastique, 1822, p.19, nota 3.

⁴⁵ Então, muitos dos judeus que tinham ido à casa de Maria e viram o que Jesus fizera, creram n'Ele.

Diferentemente de outros túmulos, este de Lázaro era escavado em rocha não no sentido horizontal, mas sim, no chão e na vertical. Para se chegar ao local onde haviam depositado o corpo de Lázaro, precisava-se descer um bom número de degraus. Ao redor do sepulcro, estavam todos em forte expectativa, pois os antecedentes prognosticavam um portentoso acontecimento.

Com magna autoridade, Jesus ordena, para espanto dos circunstantes: “Tirai a pedra!”. Marta, sempre criteriosa, não resiste em ponderar que o cadáver já estaria em decomposição depois de quatro dias. “Senhor, já cheira mal”. Magistral a



Pierre Igor

"Lázaro, vem para fora!" (Jo 11, 43)

A ressurreição de Lázaro – Capela do cemitério de Excideuil (França)

resposta de Jesus: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?”.

Belíssima oração a de Nosso Senhor; com o túmulo já aberto, o mau odor ferindo as narinas dos presentes, a atenção não poderia ser mais intensa. Ele reza não por necessidade, “mas digo isto por causa do povo que Me rodeia, para que creia que Tu Me enviaste”.

Por um simples desejo seu, a lápide teria voltado ao nada e Lázaro surgiria à porta do sepulcro, rejuvenescido, limpíssimo e perfumado. E como era conveniente constar aos olhos de todos a potência de suas ordens, “exclamou com voz forte: ‘Lázaro, vem para fora!’”.

Dois portentosos milagres se operam, não só o da pura ressurreição. Lázaro estava atado da cabeça aos pés, impedido de caminhar; entretanto, subiu pela escada que dava acesso à entrada do túmulo, estando até mesmo com um sudário ao rosto. Imaginemos a impressionante cena de um defunto subindo degrau por degrau, sem liberdade de movimentos e sem enxergar, mas já respirando com visíveis sinais de vida.

“Desatai-o e deixai-o caminhar” é a última voz de comando do Divino Taumaturgo.

Nada mais relata o Evangelista; nenhuma palavra a respeito de Lázaro ou das manifestações de alegria de suas irmãs; apenas a conversão de “muitos dos judeus que tinham ido à casa de Maria”.

Escapa à Liturgia de hoje a traição de alguns que, seguramente indignados, “foram aos fariseus e lhes contaram o que Jesus realizara” (Jo 11, 46), levando o Sinédrio a decretar sua morte (cf. Jo 11, 53), matéria esta considerada com quanta profundidade ao longo da Semana Santa.

III - UM CONVITE À CONFIANÇA



í está o poder de Cristo manifestado em pleno esplendor para alimentar-nos em nossa fé. Esta Liturgia nos convida a uma confiança maior que a do centurião



Timothy Ring

Nossa Senhora, estando ao lado das irmãs, recomendaria a ambas que procurassem fazer "o que Ele vos disser" (Jo 2, 5)

Nossa Senhora Auxiliadora – Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

romano, ou seja, é preciso crer em Jesus com um ardor marial. Se a Santíssima Virgem estivesse ao lado das irmãs, decerto — além de lhes aconselhar a aguardarem com paz de alma a chegada de seu Divino Filho — recomendaria a ambas que procurassem fazer “o que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Por maior que sejam os dramas ou aflições em nossa existência, sigamos o exemplo e a orientação de Maria, crendo na onipotência de Jesus, compenetrados das palavras de São Paulo: “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios” (Rm 8, 28). ✧

Entrada gloriosa em Jerusalém –
Catedral de Cristo Rei,
Hamilton (Canadá)



Evangelho da Procissão

Naquele tempo, ¹ Jesus e seus discípulos aproximaram-se de Jerusalém e chegaram a Betfagé, no Monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ² dizendo-lhes: "Ide até o povoado que está ali na frente, e logo encontrareis uma jumenta amarrada, e com ela um jumentinho. Desamarrai-a e trazei-os a Mim! ³ Se alguém vos disser alguma coisa, direis: 'O Senhor precisa deles, mas logo os devolverá'".

⁴ Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta: ⁵ "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei vem a ti, manso e montado num jumento, num jumentinho, num potro de jumenta".

⁶ Então os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes havia mandado. ⁷ Trouxeram a jumenta e o jumentinho e puseram sobre eles suas vestes, e Jesus montou. ⁸ A numerosa multidão estendeu suas vestes pelo caminho, enquanto outros cortavam ramos das árvores, e os espalhavam pelo caminho. ⁹ As multidões que iam na frente de Jesus e os que O seguiam, gritavam: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos Céus!"

¹⁰ Quando Jesus entrou em Jerusalém a cidade inteira se agitou, e diziam: "Quem é este Homem?" ¹¹ E as multidões respondiam: "Este é o Profeta Jesus, de Nazaré da Galileia" (Mt 21, 1-11).